



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

[griotrevista@gmail.com](mailto:griotrevista@gmail.com)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

Miranda, João Paulo

O filósofo, o sensível e o inteligível no Fédon

Griot: Revista de Filosofia, vol. 7, núm. 1, 2013, pp. 115-122

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v7i1.545>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664911013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UABM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## **O FILÓSOFO, O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL NO FÉDON.**

João Paulo Miranda<sup>1</sup>.  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

### **RESUMO:**

O escopo deste trabalho é abordar o percurso ético-cognitivo necessário para a efetivação do papel do filósofo presente no *Fédon*, um dos diálogos mais famosos de Platão, levando em consideração novas concepções decorrentes de um já conhecido embate hermenêutico proveniente do altíssimo quilate literário do texto referido. Na presente abordagem, o sensível não ocupa um local pejorativamente secundário e diminuto, constituído de cópias imperfeitas e fonte de enganos, passando, com isso, a exercer uma função de relevância fundamental na construção da filosofia platônica, sendo, portanto, o âmbito da efetivação do exame e do exercício dialético. Aqui, nossa intenção é abordar tal concepção, que engloba tanto o plano sensível quanto o inteligível, fazendo, desta maneira, necessária alusão à incessante busca dialética socrático-platônica, onde a *práxis* e a conduta ética do indivíduo são fatores imprescindíveis para que ocorra o importantíssimo salto epistêmico rumo a um conhecimento mais verdadeiro e essencial que constituirá o verdadeiro caráter do amante da sabedoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão; Filosofia Clássica; Fédon

## **THE PHILOSOPHER, THE SENSITIVE AND THE INTELLIGIBLE IN THE PHAEDO.**

### **ABSTRACT:**

This study aims to address the ethical and cognitive pathway necessary to make effective the role of the philosopher presented in the *Phaedo*, one of the most famous dialogues of Plato, taking into account new concepts arising from an already known hermeneutic conflict due to the high literary quality of the aforementioned text. In this approach, the sensible does not occupy a derogatory position which means

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. E-mail: joaopaulomiranda87@gmail.com

secondary and small, consisting of imperfect copies and source of mistakes, thereby it represents a relevant role of fundamental importance in the construction of Platonic philosophy and it is where the examination and dialectical exercise take place. The purpose of this study is to approach this concept, which addresses the sensible and the intelligible, making it necessary to refer to the incessant Socratic-Platonic dialectics search where the praxis and ethical behavior of the individual are essential factors in order to occur the epistemic leap towards a true and essential knowledge that will constitute the true character of wisdom lover.

**KEYWORDS:** Plato; Classical Philosophy; Phaedo.

## Introdução

Não podemos expor o papel fundamental do filósofo sem avaliarmos a problemática referente ao corpo e ao sensível. No entanto, de acordo com esse viés, sempre tentaremos nos desembaraçar da teia que surge como percalço ao imanente em detrimento da interpretação que promulga o transcendente como o suprasumo de toda filosofia de Platão e, por sua vez, ainda estabelece o âmbito pragmático como algo meramente desprezível, fonte de engano da percepção, onde o espírito filosófico é corrompido pela  $\delta\acute{o}\xi\alpha$ <sup>2</sup> e pela imperfeição das cópias, que apenas servem para afastar os homens da verdade, da perfeição e do bem. Ora, se assim fosse, os diálogos não ocorreriam nas cenas do cotidiano do homem grego, como em ágoras e palestras, mas no tão famoso “mundo das ideias”, ou no Hades, ou no Olimpo, ou em qualquer outro lugar transcendente escolhido conforme a imaginação e o humor do escritor.

O que geralmente passa despercebido pela maioria dos leitores é que o homem busca o conhecimento senão nos atos corriqueiros do dia-a-dia, nos quiproquós do  $\sigma\acute{o}\kappa\omicron\varsigma$ <sup>3</sup> e nos mercados abarrotados de sofistas, políticos e estrangeiros, gente de toda sorte, discutindo as novíssimas descobertas geométricas, discordando da natureza deste ou daquele discurso, da elaboração desta ou daquela lei, enfatizando uma comédia ou vociferando impropérios contra a péssima interpretação encenada na tragédia da noite anterior. Todos os diálogos platônicos são constituídos com o cotidiano como plano de fundo, e é justamente nesse âmbito, supostamente desinteressado, onde se trava o exercício dialético e é posto em prática o exame - partes constitutivas e necessárias para o filosofar arguto e irônico de Sócrates. É justamente na *práxis* onde o velho “conhece-te a ti mesmo”, advindo dos antigos ensinamentos órficos, pode ser efetivado e levado adiante sob o crivo da filosofia. É, pois, na construção paciente da conversação que as personagens interpeladas por Sócrates reavaliam suas concepções após perceberem a incongruência de seus respectivos posicionamentos opiniáticos. Eis, portanto, o progresso do parto de um raciocínio, da famosa maiêutica socrática, que compele o

<sup>2</sup> Atribui-se o conceito à opinião comum e geralmente rasteira; comumente atribuída ao vulgo. N. do A.

<sup>3</sup> Significa lar, casa (onde geralmente predominava-se uma hierarquia patriarcal). N. do A.

indivíduo ao método de análise conceitual tão necessário para que os dogmas malogrados sejam superados por ideias retas e filosóficas. Primeiramente, como uma carruagem que não anda a frente dos seus cavalos, deveremos tratar do corpo para tratarmos da alma, ou melhor, o caminho da transcendência perpassa necessariamente o caminho imanência.

## O sensível

Como supracitado, nossa arguição apoiar-se-á no imanente e, quando nos referimos ao âmbito pragmático referente à filosofia platônica, há um aspecto que deve ser destacado e que não pode ser negligenciado: a moderação.

Este conceito assume um protagonismo na ética filosófica socrático-platônica na qual o filósofo deve trabalhar insistentemente para obtê-lo e, por conseguinte, possa estar apto a alcançar o conhecimento e sobrepujar a *ὑbris*<sup>4</sup> tão perniciosa à conduta prática do amante da sabedoria. Assim sendo, o homem que postula o conhecimento deve manter-se impassível diante do arrebatamento das paixões e das efemeridades, não se precipitando perante as coisas que não integram valores que conduzem ao conhecimento e ao bem. Em contraposição à corrente interpretativa que apregoa o sensível como um laivo disforme, onde as cópias infundem necessariamente o erro e o engano epistemológico ao homem, sendo, portanto, apenas a contemplação das ideias, ou formas (*εἶδος*), o fato que pode garantir o inequívoco conhecimento verdadeiro, podemos compreender o plano sensível como uma janela de oportunidades que se abre para o homem que, através da conduta correta, poderá buscar o filosofar e, assim, ascender (intelectualmente) em direção à verdade e ao bem, tomando, pois, conhecimento daquilo que é belo.

O sensível é visto comumente como uma espécie de mal que entorpece o espírito através dos canais afetivos que, por seu turno, captam unicamente coisas perecíveis e mutáveis, não oferecendo, assim, o embasamento necessário para a consolidação de um conhecimento verdadeiro. No entanto, aqui iremos encará-lo como algo que pode ser visto como um *topos* de salvamento e desvelo. Pois é aqui, no seio do sensível, onde o homem colocará em prática sua excelência filosófica adquirida com a ascendência epistêmica proveniente do método dialético. É válido ressaltar que, após seu aprimoramento intelectual, o homem deve direcionar-se, através de um movimento conhecido como dialética descendente, às fendas mais obscuras onde predomina a ignorância e jazem os espíritos mais enganados para, somente então, propagar o conhecimento e apresentar as coisas como realmente são, mesmo que este labor lhe custe a própria vida. Eis, portanto, o papel do filósofo.<sup>5</sup>

Para embasar nossa argumentação acerca do plano sensível, primeiramente recorreremos a uma análise filológica, porquanto o corpo, de acordo com uma interpretação simplória do *Fédon*, é pura e simplesmente considerado como uma

<sup>4</sup> A *hybris* implica desmesura; quebra de unidade. É sempre apresentada como um fator extremamente nocivo e corruptor que representa a falta de moderação e de harmonia. N. do A.

<sup>5</sup> Cf. PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

prisão, onde o espírito é privado do verdadeiro conhecimento; porém, se diligentemente expandirmos um pouco mais nossa abordagem, podemos captar nas páginas do *Crátilo*, outro famosíssimo diálogo, um jogo de palavras (um artifício estilístico bastante utilizado por Platão) que a palavra “corpo” adviria de um verbo, sendo, pois, considerada uma palavra polissêmica, onde uma mesma iconografia pode obter múltiplos sentidos. A palavra corpo (*σῶμα*) seria, portanto, um desdobramento de outra palavra do grego arcaico e com ela teria seu significado mesclado; de acordo com esse viés, sua morfologia seria uma herança da palavra originária: *soiso* (*σῶζω*) que significa “salvar”.<sup>6</sup>

Evidentemente, tal argumentação não seria suficiente para solapar a noção pejorativa habitualmente atribuída à palavra “corpo” e, para corroborar nosso posicionamento, podemos utilizar como fonte o próprio *Fédon*:

- Não dizíamos, ainda há pouco, que a alma utiliza o corpo para observar alguma coisa por intermédio da vista, ou do ouvido, ou de outro sentido? Assim o corpo é um instrumento, quando é por intermédio de algum sentido que se faz o exame da coisa. Então a alma, dizíamos, é arrastada pelo corpo na direção daquilo que jamais guarda a mesma forma (PLATÃO, 1972. 89 a-d).

O que podemos observar, a partir desta citação, é que o corpo oferece certo risco à alma devido à inconstância e mutabilidade daquilo que lhe é apresentado (as coisas sensíveis) e, por conseguinte, podem desviar a alma, ou *psykhé* (*ψυχή*), do caminho do conhecimento, porém, nem de longe o corpo é compreendido como um cárcere medíocre que definitivamente impossibilita o conhecimento, pois, como podemos perceber no trecho supracitado, vimos que o corpo é utilizado pela alma como um instrumento que, se bem administrado, pode fornecer, através da *αἴσθησις*,<sup>7</sup> os dados necessários para a construção da argumentação e de uma progressão epistemológica, possibilitando, desta maneira, a ascensão dialética necessária para a consecução e efetivação do propósito filosófico platônico. No entanto, para que essa ascensão venha a ocorrer, faz-se imprescindível o uso da *σωφροσύνη*,<sup>8</sup> através da qual o homem não se desviará nenhum instante dos seus ideais filosóficos, mantendo-os incólumes. Somente assim o homem não será acometido pelo ímpeto de suas paixões e muito menos enganado pela mutabilidade aparente dos objetos perecíveis. A alma, desta forma, não será conturbada pelo pólemos heraclítico.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> Cf. ARAÚJO, Hugo Filgueiras de. *A estetização da alma pelo corpo no Fédon de Platão*. João Pessoa, 2012. Pág. 128. Nota 180.

<sup>7</sup> A *aísthesis* significa tão-somente a nossa percepção sensorial. N. do A.

<sup>8</sup> A *sophrosyne* implica estado de espírito são e moderado; autocontrole; prudência; bom senso. N.do A.

<sup>9</sup> O caráter ontológico do sensível platônico sofre uma grande influência da filosofia heraclítica, assim como o aspecto transcendente é embasado pelos alicerces da filosofia eleata de Parmênides. Podemos observar uma espécie de junção destes dois elementos através da Teoria da Participação, onde as coisas sensíveis possuem uma referência essencial paradigmática e, por isso, mesmo através

Não obstante, se considerarmos o corpo como um simples cárcere do espírito, cometeremos um deslize hermenêutico que nos conduzirá a uma interpretação inverossímil do diálogo referido, pois a “masmorra” nociva ao espírito é tão somente uma obra do desejo desmedido, sendo o próprio homem o principal responsável por agrilhoar ainda mais suas amarras e os silícios:

-É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela forçosamente devia encarar as realidades ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta. E o que é maravilhoso nesta prisão, a filosofia bem o percebeu, é que ela é obra do desejo e quem concorre para apertar ainda mais suas próprias cadeias é a própria pessoa (PLATÃO, 1972, 83a).

O que podemos depreender do passo citado é que uma alma que não se encontra sob os cuidados da filosofia permanece aprisionada numa ilusão materialista, considerando como verdade apenas aquilo que conhece, apegando-se ao que é corpóreo e perecível de forma excessiva, a ponto de viver numa profunda ignorância sem redimensionar sua ascensão epistêmica. Ademais, fica claro que, a partir deste trecho, captamos que a própria pessoa é unicamente responsável pelo distanciamento da verdade proposta pela filosofia, sendo o corpo, portanto, absoldido do equivocado julgamento secular. Não obstante, ao contrário deste homem distante dos rumos da filosofia, o amigo do saber busca, por intermédio da mais elevada música, distanciar-se da *hybris* e galga, através do exame, a trilha da coisa em si, afastando-se, com isso, da distorção e do agito causados pela mutabilidade das coisas sensíveis. Sendo assim, o filósofo não sucumbe ao veneno do Mal Supremo (onde as emoções decorridas do apego aos dados do mundo sensível são consideradas o que há de mais real e verdadeiro por um homem afastado do filosofar). Desta forma, chegamos ao produto desta intrincada conta com a concepção de que um conhecimento certo disso tudo é, na vida presente, se não impossível, pelo menos extremamente difícil de obter. O corpo, juntamente com o plano sensível, pode ser considerado uma faca de dois gumes, onde perdição e salvação constituem os lados antagônicos da mesma lâmina. As afecções, portanto, podem manter enganado um espírito não iniciado como também podem ser uma condição de possibilidade de um ser que se “dirige para”.

## A alma

Vimos anteriormente que a mutabilidade do sensível assemelha-se ao pólemos heraclitiano e, a partir dessa concepção, podemos captar um sutil

---

da mutabilidade e multiplicidade aparente dos objetos sensíveis, podemos identifica-los em sua constituição unitária e essencial. N. do A.

---

O filósofo, o sensível e o inteligível no Fédon – João Paulo Miranda.

desdobramento defendido por Sócrates logo no início do diálogo, onde o sensível é constituído por infinitas gerações de contrários que coexistem numa perene dança mutável e frenética, onde algo necessariamente implica seu antônimo, onde o frio só existe devido ao quente e vice-versa; da mesma forma ocorre com o doce e o amargo, o pequeno e o grande, o claro e o escuro e assim por diante. A falta de um desses conceitos implicaria numa espécie de apodrecimento de toda a natureza, sendo, pois, essa geração infinita de contrários, algo imprescindível tanto no viés físico-biológico, quanto no plano lógico-ontológico, porquanto justiça e injustiça, coragem e covardia, além de serem partes desse fluxo de gerações, são conceitos que não são palpáveis e nem visíveis às afecções, embora existentes.

Sendo assim, dada a primeira cartada de Sócrates, o experiente filósofo vai transferindo pouco a pouco a validade da sua argumentação para níveis de raciocínio cada vez mais sofisticados, desembocando, por fim, numa argumentação que embasa um dos maiores pilares não apenas do texto, como também do “corpus” da filosofia de Platão: a imortalidade da alma. A morte não seria, pois, contrário da vida? E o nascer não seria o contrário de morrer?<sup>10</sup> Daí compreendemos que, seguindo a linha de pensamento das infinitas gerações, uma alma, mesmo após o perecimento do corpo, seguindo o fluxo ativo e mantenedor da natureza orgânica, tornará a nascer e a viver sucessivas vezes, e é justamente nesse processo onde ela aprenderá e desaprenderá, através da reminiscência (*anamnese*) ou rememoração. Podemos compreender esse processo incessante de morte e vida da alma como um processo de encarnação e desencarnação, onde a alma, considerada um ser indivisível e insolúvel, encarnada num corpo, deve buscar a filosofia para atingir o salvamento definitivo. Entretanto, se a alma não for iniciada nas coisas da filosofia, através da *psikhagogia*<sup>11</sup>, ela provavelmente se tornará escrava dos desejos do corpo no qual está encarnada e, mesmo após sua desencarnação, essa alma não poderá contemplar as coisas em si e por si que existem pura e simplesmente, pois estará bastante conturbada e ávida para retornar ao próximo corpo que lhe proporcionará a próxima afecção. Neste estágio, a alma se encontra tão apegada ao sensível que com ele entra em conformidade, atingindo, assim, um grau de materialidade que a impossibilita de alcançar um estado de pureza. Aqui a alma torna-se viciada e contaminada pelo

<sup>10</sup> Contudo, é necessário que se faça claro que a alma não é o contrário do corpo, como o material é considerado o contrário do imaterial, porquanto alma e corpo são dois seres distintos (o primeiro dotado de pensamento e o segundo não) enquanto tais, que entram numa espécie de cooperação durante a encarnação da alma num determinado corpo. A alma, assim como a coisa em si, ou uma forma, possui uma elevação (superioridade) existencial em relação ao corpóreo de um modo geral porquanto é dotada de uma função estrutural do próprio sensível, possuindo, assim, um caráter tanto epistemológico quanto ontológico. N. do A.

<sup>11</sup> Do grego ψυχή (alma) + -γωγία, de <αγειν, (conduzir; levar); Condução da alma. Esse termo é bastante utilizado entre os estudiosos helenistas para qualificar a relação profícua entre amante (erastes) e amado (eromenos). É necessário salientar que tal relação não tinha conotações puramente homoeróticas, pois em seu sentido pleno ela visa, sobretudo, o amadurecimento intelectual e filosófico do jovem que foi posto sob os cuidados tutelares de um mentor designado conforme o gosto e o poder aquisitivo da família do próprio jovem. N. do A.



imediatismo corpóreo que foi alimentado pela falta de comedimento e de filosofia. Deste modo, mesmo desencarnada, a alma busca desmedidamente fincar suas raízes noutra corpo para que seja dada continuidade ao seu hábito nocivo. Eis, portanto, uma alma dos *philosómatos*, ou seja, dos amantes do corpo.

Uma alma que atinge essa conformidade materialista pode, inclusive, de tão desmesurada, recair num corpo de um animal irracional para nele se aprofundar ainda mais no seu sono não filosófico. A esse fenômeno de transmigração da alma atribui-se o nome de metempsicose, onde podemos notar, com isso, uma enorme influência do pitagorismo nos escritos de Platão. Sendo assim, a alma estaria impedida de participar de tudo o que é belo, divino, puro em si e por si. Neste sentido, podemos entender a filosofia como possuidora de um caráter libertário ou salvífico, pois ela goza do pleno poder de livrar uma alma entregue à má-aventurança decorrente das paixões desmesuradas e da ignorância.

O Filósofo, por seu turno, diferentemente do vulgo, possui o ouvido sensível à mais elevada música e, por isso, não incorre em imediatismos vis que podem desviá-lo do reto caminho do conhecimento. Ademais, se doutra forma fosse, se o homem que se pretende filósofo sempre se entregasse aos prazeres e arroubos das afecções imediatas e inconsequentes, vivendo, assim, sempre em conformidade com o ímpeto arrebatador de suas paixões, seu trabalho, sem dúvidas, seria mais moroso que àquele de Penélope que, noite após noite, desfazia toda a renda que tecera durante o dia e, desta forma, nunca dando cabo nem do trabalho e nem da promessa de desposar um dos auspiciosos pretendentes.

## Conclusão

De acordo com o que vimos nesse texto, a dimensão interpretativa do corpo, contida no *Fédon*, não pode ser diminuída como uma mera cela; no entanto, podemos identificá-lo como um intermediário facilmente corruptível entre alma e mundo e, assim, se mal administrado, pode ser considerado um obstáculo que se interpõe entre o homem e o conhecimento.

Do presente texto ainda podemos depreender que, se por um lado a realidade sensível pode ser vista como uma espécie de ponto de partida para o exame socrático-platônico, por outro, faz-se necessário que haja um momento de abandono dessa realidade para que, somente então, possamos, abrindo mão dos ventos auxiliares e utilizando nossos próprios remos, dar continuidade à prometida navegação epistemológica. Noutras palavras, devemos recorrer à luz do debate e da utilização de argumentos dialéticos para formular concepções mais sólidas e chegarmos mais perto de uma realidade mais essencial. O plano do sensível não nos impede e não nos nega a obtenção do conhecimento, mas nos apresenta uma sôfrega dificuldade epistemológica que deve ser superada pelo exame.

## Referência Bibliográfica:

---

O filósofo, o sensível e o inteligível no *Fédon* – João Paulo Miranda.



- ARAÚJO, Hugo Filgueiras de. *A estetização da alma pelo corpo no Fédon de Platão*. João Pessoa, 2012.
- CARDOSO, Delmar. *A alma como centro do filosofar de Platão*. São Paulo: Loyola, 2006.
- PAULO, Margarida Nichele. *Indagação sobre a imortalidade da alma em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- PLATÃO. *Col. Os Pensadores: Diálogos*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1972.
- \_\_\_\_\_. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga. Vol. II: Platão e Aristóteles*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.